

OS CALIDOSCÓPICOS PROTAGONISTAS DE *DON QUIJOTE DE LA MANCHA**

Mailson dos Santos Lopes / Ana Paula Andrade Ferreira*

RESUMO

Este breve estudo tenciona abordar alguns pontos basilares da caracterização dos protagonistas Don Quijote e Sancho Panza, cujas marcas identitárias vão sofrendo imbricações e mutações, ao ponto de se poder cogitar o desenvolvimento dos processos de quixotização do escudeiro, frente à sanchificação do *Cavaleiro da Triste Figura*, processos esses que são fruto de uma mútua e paulatina influência entre os personagens, ou seja, uma estruturação calidoscópica que dá margem ao surgimento de um número considerável de alternativas e oposições entre pessoas, ideias ou valores. A caracterização dos dois protagonistas apresenta-se, dessa forma, em constante movimento pela narrativa, fazendo com que eles encontrem-se, muitas vezes, entrelaçados no complexo e multifacetado trânsito de significações identitárias, uma rede labiríntica de espelhos onde tudo se desdobra e se multiplica em imagens que expressam em toda a sua infinita sutileza e diversidade a vida humana.

Palavras-chave: Dom Quixote. Identidade. Valores. Quixotização. Sanchificação.

RESUMEN

El breve estudio que aquí se propone tiene la intención de abordar algunos puntos básicos de la caracterización de los protagonistas Don Quijote y Sancho Panza, cuyas características identitárias sufren mutaciones hasta el punto de poderse contemplar el desarrollo de los procesos de quijotización del escudero, frente a sanchificación del *Caballero de la Triste Figura*, procesos que resultan de una influencia gradual y recíproca entre los personajes, es decir, una estructura caleidoscópica que cede lugar a la aparición de un número considerable de alternativas y oposiciones entre personas, ideas y valores. La caracterización de los dos protagonistas se presenta en constante movimiento por la narrativa, de modo que se encuentran, frecuentemente, entrelazados en el complejo y multifacético tránsito de significaciones, un laberinto de espejos donde todo se desarrolla y se multiplica en imágenes que expresan en toda su infinita sutileza y variedad la vida humana.

Palabras clave: Don Quijote. Identidad. Valores. Quijotización. Sanchificación.

*Dedicamos este artigo à Prof.^a Iára Kastrup Schlaepfer (UNEB), como sinal de gratidão e reconhecimento pelas suas brilhantes e indelévels aulas de literatura espanhola e hispano-americana no Instituto de Letras da UFBA, nos anos de 2008 e 2009.

* Estudantes do curso de Mestrado em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. E-mail: mailsonlopes1@yahoo.com.br / paulasamavi@gmail.com

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento, em 1605, do romance *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*, tem ele inspirado uma copiosa plêiade de obras — que, vertical ou horizontalmente, incidiram sobre este proto-romance — formando, através das rotas labirínticas da história humana, um verdadeiro mosaico de integrações e inter-relações que acaba explicitando, de forma inequívoca, a grandiosidade dessa obra, sob todos os ângulos, universal. Ainda em 1614 aparece a primeira adaptação: o *Quijote* de Avellaneda. Restringindo-se ao âmbito da dramaturgia, do século XVII à primeira metade do século XX, segundo Pérez Capo (1947, p. 09 apud GARCÍA MARTÍN, 1980, p. 19), são mais de 289 obras — na Espanha e nos demais países — inspiradas no Quixote e suas aventuras. Se recorrermos ao âmbito da produção literária ou das artes plásticas, sem dúvida, não teremos um cômputo inferior ao que se apresenta em relação à criação teatral.

Mas uma pergunta se faz ecoar a partir do que foi exposto acima: a que se deve tal fascínio, de uma potência avassaladora e irresistível? Deve-se à narrativa sedutora da obra? Ao delicado e onipresente embate entre alegria e melancolia que a perpassa? À sua multiplicidade semiótica altamente produtiva? Sem dúvida, a todas essas características e ainda a muitas outras se deve a genialidade do romance cervantino. Mas cremos que tem um peso substancial em tal êxito a força simbólica dos protagonistas da narrativa, Dom Quixote e seu escudeiro Sancho Pança, dois entes extraordinários da ficção, dois singulares transeuntes na história da literatura e da humanidade.

O breve estudo aqui delineado tenciona abordar alguns pontos constitutivos da caracterização dos protagonistas da supracitada obra, observando o rol de valores e marcas identitárias que os distinguem e que ao longo da narrativa deixam-se entrever, partindo de um olhar aberto à multiplicidade de cruzamentos e imbricações que esse movimento apresenta na estrutura narrativo-cronológica das aventuras e peripécias do *Caballero de la Triste Figura* e de seu companheiro inseparável, Sancho Pança. Não buscando, obviamente, esgotar a discussão sobre o tema, procuramos apresentar alguma contribuição para os estudos debruçados sobre a obra-prima de Miguel de Cervantes — que, ainda após quatro séculos de seu surgimento, conduz a multidão de seus leitores a

uma surpreendente viagem às plagas da fantasia, do sonho e da compreensão multifacetada da própria existência.

1 OS PROTAGONISTAS E SUA CARACTERIZAÇÃO ELEMENTAR ATRAVÉS DE SUAS CONCEPÇÕES E PERCEPÇÕES DA REALIDADE

Encontramo-nos, ao início do romance, com um velho fidalgo rural que, levado por um impulso imaginativo ímpar, construído e fomentado pelas diversas leituras dos livros de cavaleiros heróicos medievais, sai em busca de aventuras pela *Mancha* hispânica, com o escopo de exercer em seu mundo o papel de cavaleiro andante, visto que lhe pareceu conveniente e necessário, tanto para o alimento de sua honra quanto para o serviço de sua pátria, ir com suas armas e seu frágil cavalo exercitar-se em tudo aquilo que havia lido a respeito da ação heróica praticada pelos cavaleiros andantes da Idade Média.

O leitor se depara, assim, logo ao princípio da narrativa, com um sonhador (ou um mentecapto, para alguns) que se deixa enlevar por suas utopias, rompendo, para si e até para os que convivem mais próximos dele, as fímbrias sutis que delimitam o real do fantasioso, fazendo com que se constituam uma só coisa. Nesse transcurso pelas plagas do porvir, do desejo e da realidade construída, consegue atrair um comparsa que, assumindo a função de escudeiro, passa a compartilhar com Dom Quixote, ainda que sob um prisma diferenciado, as consequências e implicações de um percurso pela rota da idealização que busca encaixar a vida em uma categoria superior, dando-lhe um sentido permanente (ainda que cambiante) e uma transcendência geral.

Dom Quixote e Sancho Pança, cada um com o cabedal de suas características individuais, de seus valores e de suas perspectivas, desde o momento em que se deparam e se coadunam, passam a construir e perceber juntos — e muitas vezes de forma antipodal — a natureza dos seres e dos fatos que os cercam. Assim, representativa é a batalha descrita no oitavo capítulo do romance, em que ficam postas em relevo as diferentes visões do real captadas pelos protagonistas: um vê moinhos de vento no que para outro são gigantes poderosos que devem ser derrotados. Muitas outras partes da narrativa são base para esse choque opositivo de concepções da realidade — tida, por Sancho Pança, como algo pré-estabelecido, e como algo idealizado e em construção pelo valoroso cavaleiro, de tal forma que este último, onde

há *a priori* uma venda, passa a remodelá-la como um verdadeiro e imponente castelo, com suas torres e capiteis de prata¹.

Enquanto o amo possui uma expressiva força de recriação e remodelação do que sensorialmente percebe em seu exterior, o escudeiro, que não compartilha da mesma visão de mundo do Quixote, toma como verossímil em seu entorno exclusivamente o que pode perceber através da captação sensório-motora, ou, em outras palavras, inicia a jornada guiado por uma visão de mundo altamente denotativa e monossignificativa. Assim o é, por exemplo, na aventura dos moinhos (cap. VIII – 1ª Parte), no episódio do barco encantado (cap. XXIX – 2ª Parte) e na ocasião do encontro com um rebanho de ovelhas (cap. XVIII – 1ª Parte) —assim interpretadas por Sancho Pança —, tidas por Dom Quixote como um exército em ordem de batalha.

Centrando-nos na observação através da evolução da narrativa, percebemos que um ponto fulcral na distinção entre os dois protagonistas é a interpretação do mundo que os rodeia, o que se liga, visceralmente, à delimitação do que por eles é visto como verdadeiro e coerente. Inicialmente Sancho Pança interpreta como um delírio incompreensível a postura fantasiosa e imaginativa de seu companheiro, preferindo manter sua perspectiva dicotômica entre a realidade e o sonho. Por sua vez, a visão de Dom Quixote é multimodal, assim digamos, e altamente aberta a tecer ligações entre *o que olha e o que realmente quer ver*, com a predominância desta última postura. Concordamos plenamente com Hazas & Marín, quando afirmam que

En Don Quijote hay la muestra de cómo la vida y la literatura, la realidad y la ficción, se confunden y borran sus límites de separación. Don Quijote cree ver gigantes donde sólo hay molinos de viento, o ejércitos donde hay rebaños de ovejas, porque la realidad válida para todos no existe, y sí, puntos de vistas distintos sobre ella, según la óptica de cada ser humano, según sus condiciones de vida, su carácter, su cultura, su estado de ánimo etc. (HAZAS & MARÍN, 1992, p.62)

A relativização do conceito de *verdade*, a ideia de que não se acomoda a uma realidade fixa, imutável e definitiva, está presente no espírito da obra de Cervantes. É com a genial metáfora do *baciyelmo* que limpidamente se mostra a convicção de Dom Quixote de que não existe uma verdade absoluta, mas sim, tantas verdades quanto pontos de vista diferentes sobre uma realidade qualquer. Diz Dom Quixote a seu escudeiro: “Mira, Sancho, [...] eso que a ti te parece bacía de barbero me parece a mí el

¹ “[...] y como a nuestro aventurero todo cuanto pensaba, veía o imaginaba le parecía ser hecho y pasar al modo de lo que había leído, luego que vio la venta se le representó que era un castillo con sus cuatro torres y chapiteles de luciente plata, sin faltarle su puente levadiza y honda cava, con todos aquellos adherentes que semejantes castillos se pintan.” (CERVANTES, 2004 [1605], p. 36-37).

ylmo de Mambrino y a otro le parecerá otra cosa.” (CERVANTES, 2004 [1605], p. 237). Portanto, o que é elmo para o cavaleiro, é bacia para Sancho Pança, e pode ser mil coisas mais, a depender do olhar do sujeito, de seu conhecimento de mundo e das circunstâncias em que a observação esteja encaixada.

Já dizia José Ortega y Gasset (1914), em sua obra *Meditaciones del Quijote*: “Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo.” Algo que hoje é verdade/realidade para um sujeito ou grupo social, pode não ser mais o mesmo amanhã, visto que são passíveis de mutações verticais (diferenças de concepções de sujeito a sujeito) e horizontais (um mesmo indivíduo, devido a mudanças temporais ou situacionais, pode apresentar noções diferenciadas da realidade e da verdade). Tal perspectivismo se coaduna, sem dúvida, ao manancial literário-filosófico de relativização da verdade e da realidade expostos na obra magna de Cervantes, que, fugindo de uma visão limitada, concebe-as como construtos cambiantes, circunstanciais e altamente variáveis. Como afirma Carpintero, tal proposta possibilita “[...] un punto de vista privilegiado, aquel que ocupa cada yo respecto del círculo funcional propio, el cual se ordena, consiguientemente, en una cierta perspectiva. Ante cada yo aparece el mundo, entorno o circunstancia ordenado en una diversidad de planos.” (2005, p. 19).

Se a criatividade cervantina houvesse se expressado apenas pelo ponto descrito acima, ou seja, pela criação, em pleno século XVII, de um personagem detentor de uma visão aberta à diversidade apresentada pela metáfora da vida e da realidade circundante, já bastaria para darmos à sua obra um estatuto especial, principalmente ao observarmos que esse posicionamento não era nada compatível à ortodoxia conceptual da época. Contudo, Cervantes logrou ir além, tecendo interferências, intersecções e transformações na visão de mundo dos protagonistas que, passando por todas as experiências que conjuntamente provaram, puderam mutuamente se influenciar, de tal forma que, com o desenrolar da narrativa, podemos observar um Sancho *quixotizado* e um Dom Quixote *sanchificado*. É sobre esse fenômeno especular que brevemente discorreremos na sessão subsequente.

2 A QUIXOTIZAÇÃO DE SANCHO PANÇA FRENTE À SANCHIFICAÇÃO DE DOM QUIXOTE

Como assinalado no romance, o personagem Sancho Pança, inseparável companheiro de Dom Quixote, apresenta-se, nos inícios da narrativa, como um camponês cobiçoso, como uma pessoa do povo, sem estudos ou ideais de nobreza, que segue o cavaleiro apenas pela promessa de que obterá alguma recompensa material. Fica, inclusive, no dilema se segue ao amo até obter a sua tão sonhada ilha ou se volta à sua casa. Acaba acompanhando o cavaleiro andante, guiado por seu espírito altamente pragmático, denotativo e materialista, caráter que pode ser corroborado pelo fragmento abaixo, reproduzido do capítulo VIII da primeira parte do romance:

Iba Sancho Panza sobre su asno, con sus alforjas y su bota de vino, con mucho deseo de verse ya gobernador de la ínsula prometida. Así se lo dijo a su amo: — Mire, señor, caballero andante, que no se le olvide la de la ínsula, que yo la sabré gobernar aunque sea grande. (CERVANTES, 2004 [1605], p. 44).

Com o decurso do tempo, sempre associado às peripécias do *Caballero de la Triste Figura*, o *modus cogitandi* de Sancho Pança vai sofrendo modificações, acercando-se e cruzando-se ao de seu senhor, a partir mesmo da proximidade com o cavaleiro andante. Ao longo da história, o escudeiro se imiscui do espírito aventureiro e utópico de seu amo, passando a conceber a realidade de maneira simílima a este, o que constitui o processo de *quixotização* do personagem. Enquanto na primeira parte do romance tenta convencer Dom Quixote a não seguir com seus propósitos idealistas e fantasiosos, aconselhando-o, inclusive, a retornar à sua situação inicial, na segunda parte do livro já estão transformadas as ponderações de Sancho Pança, que começa a deixar-se enlevar pela quixotesca visão metafórica do mundo e da realidade.

Um viés em que podemos perceber a transformação do escudeiro se dá no campo linguístico. A expressão linguística de Sancho Pança vai se modificando, adotando, em alguns momentos da narrativa (sobretudo a partir da assunção ao posto de governador da *Ínsula Baratária*), um vocabulário mais castiço, o que não passa despercebido por Dom Quixote, que tece elogios a respeito, e pelos demais personagens da trama². Compartilhamos aqui da posição defendida por Pascual, quando afirma que “El acomodarse el escudero a los usos [lingüísticos] de su señor es una de las formas de quijotización del personaje o, viéndolo desde una perspectiva lingüística, de su integración heteroglósica.” (2004, p.1135)

²Como se pode comprovar através do seguinte excerto: “Todos los que conocían a Sancho Panza se admiraban oyéndole hablar tan elegantemente y no sabían a qué atribuirlo, sino a que los oficios y cargos graves o adoban o entorpecen los entendimientos.” (CERVANTES, 2004 [1615], p. 917).

Podemos fazer uma leitura mais pontual do processo de quixotização de Sancho Pança, sobretudo a partir de dois momentos retratados no romance: o primeiro se dá durante a administração da *Ínsula Baratária*, em que atua totalmente impulsionado pela sua capacidade criativa e imaginativa, distanciando-se dos liames monossignificativos da realidade estrita e passando a se guiar pela neo-realidade construída por suas próprias fantasias, como se fosse Dom Quixote. O segundo momento apical de quixotização do escudeiro ocorre no diálogo do último capítulo da obra, em que sofre profundamente pela perda de seu companheiro de aventuras que, já lúcido e recuperado de todo o embevecimento pela fantasia e pelo idealismo, decide pôr termo a suas andanças como cavaleiro:

— Perdóname, amigo, de la ocasión que te he dado de parecer loco como yo, haciéndote caer en el error en que yo he caído de que hubo y hay caballeros andantes en el mundo.

— ¡Ay! — respondió Sancho llorando —, no se muera vuestra merced, señor mío, sino tome mi consejo y viva muchos años, porque la mayor locura que puede hacer un hombre en esta vida es dejarse morir, sin más ni más, sin que nadie le mate ni otras manos le acaben que las de la melancolía. Mire, no sea perezoso, sino levántese de esa cama y vámonos a campo vestidos de pastores como tenemos concertado; quizá tras de alguna mata hallaremos a la señora doña Dulcinea desencantada, que no haya más que ver. Si es que se muere de pesar de verse vencido, écheme a mí la culpa diciendo que por haber yo cinchado mal a Rocinante le derribaron; cuanto más que vuestra merced habrá visto en sus libros de caballerías ser cosa ordinaria derribarse unos caballeros a otros, y el que es vencido hoy ser vencedor mañana. (CERVANTES, 2004 [1615], p. 1102-1103).

Através do fragmento acima, é possível entrever uma total aproximação do *modus cogitandi* de Sancho Pança à visão de mundo de seu amo quando de sua partida aventureira norteadada por uma concepção idealizada da realidade. O escudeiro apresenta-se completamente imbuído do espírito de Dom Quixote, visto que anseia dar seguimento à redescoberta e reconstrução de uma realidade pautada pelo colorido da idealização. Contudo, desde então não é a mesma a identidade³ do *Caballero de la Triste Figura*, já metamorfoseado no apagado Alonso Quijano, após um processo

³Dada a patente complexidade, a abrangente rede polissêmica do termo *identidade*, a perceptível multiplicidade conceitual que o envolve, bem como a breve extensão deste nosso estudo, não nos sentimos confortáveis a lançar-nos a uma discussão teórica pormenorizada incidente sobre esse conceito. Assim, quando a ele referimos (ou à sua forma adjetival, *identitário*, ou variantes), concebemo-lo como a forma pela qual os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que vivem e atuam, ou seja, a maneira como a pessoa entende sua relação com o mundo que o rodeia e, sobretudo, a forma pela qual os indivíduos percebem os outros em relação a eles próprios. Daí possuir a identidade um caráter fragmentário, múltiplo, processualmente mutável, sendo algo construído através de um fluxo em permanente movimento (cf. TILIO, 2009; HALL, 2000; NORTON, 2000 apud TILIO, 2009; BRADLEY, 1996 apud TILIO, 2009).

gradual de sanchificação, em que só há espaço para uma visão monorreferencial do mundo e da existência.

Com a leitura da obra magna de Cervantes, fica patente, como anteriormente foi dito, a realização de um paulatino processo de quixotização de Sancho Pança, pelo qual este se permite ingressar no mundo fantasioso de seu amo. Sem embargo, não é este o único processo de mudança identitária que ocorre no romance em questão, visto que é possível igualmente afirmar que ocorre a sanchificação de Dom Quixote, o que fica constatado de forma irrefutável no último capítulo da obra:

— Señores — dijo don Quijote —, vámonos poco a poco, pues ya en los nidos de antaño no hay pájaros hogaño. Yo fui loco y ya soy cuerdo, fui don Quijote de la Mancha y soy ahora, como he dicho, Alonso Quijano el Bueno. Pueda con vuestras mercedes mi arrepentimiento, y mi verdad volverme a la estimación que de mí se tenía, y prosiga adelante el señor escribano. (CERVANTES, 2004 [1615], p. 1103).

Não vemos mais, ao fim da narrativa, o cavaleiro andante cheio de idealismo, impaciente para desfazer agravos, endereçar os tortos e proteger a honra dos desamparados, o cavaleiro cheio de vigor e jovialidade para construir sua própria realidade e nela refugiar-se. Deparamo-nos, sim, com um ancião desanimado, cauteloso, a esperar a morte, sem qualquer devaneio ou amor pela aventura, o que constitui um forte contraste com a perspectiva do cavaleiro quando realizava suas jornadas. Não se trata mais de *Don Quijote*, o *Caballero de la Triste Figura* ou o *Caballero de los Leones*. Não há mais espaço para aquele que tão bem sabia “[...] conjurar la realidad adaptándola a sus deseos, a la vez que daba cuenta con ello de su superioridad caballeresca.” (PASCUAL, 2004, 1133). No descolorido das últimas páginas do romance quem aparece é Alonso Quijano, com sua visão monolítica e unilateral da realidade, vista através das retinas fatigadas de um velho fidalgo rural.

3 A ESPECULAR, DIALÓGICA E TRANSFORMACIONAL VISÃO DE MUNDO DOS PROTAGONISTAS DE *DON QUIJOTE DE LA MANCHA*

O cruzamento da realidade e do idealismo, caracterizando de forma antipodal Dom Quixote e seu escudeiro, faz-se presente em todo o fluxo narrativo do romance. O

valeroso cavaleiro manchego quase sempre se encontra enlevado por sua fecunda imaginação, embebida no discurso ficcional das novelas de cavalaria, enquanto Sancho Pança reproduz em sua visão o discurso cristalizado na percepção sensorial imediata da realidade. Não obstante, essa caracterização diametralmente oposta dos dois protagonistas não é estática, mas mutável, de tal forma que no fim da estória cada um se vê embebido do espírito do outro, ou seja, temos um Quixote transfigurado em Sancho e um Sancho totalmente modificado, tal qual um Dom Quixote.

Esse duplo processo é fruto principalmente da recíproca influência que os personagens recebem um do outro. Sancho absorve paulatinamente os traços ideológicos de seu senhor, sendo que no fim, já é uma imagem viva do espírito quixotesco, no sentido de crer e deixar-se conduzir por uma visão aberta, que capta a verdade e a realidade como objetos voláteis, cambiantes, sem uma definição isolada, terminante ou conclusiva. Assim transformado, vemos o escudeiro assumir uma variedade de posicionamentos, o que configura uma postura comportamental (e identitária?) altamente fragmentada: “Así, junto al Sancho miedoso y cobarde aparece el Sancho decidido y varonil; el Sancho realista e incrédulo está matizado por un Sancho con fe y esperanza en su señor; el Sancho tonto y sandio pasa a ser tonto-discreto, etc.” (GARCÍA MARTÍN, 1980, p. 40).

A caracterização dos protagonistas é causa e efeito da evolução narrativa ao longo do romance. São, pois, constituintes complementares que se apresentam em contínua transformação, em contínuo movimento pelas complexas paragens da literatura, o que dá vida perene às suas duas criações, movidas através de um caleidoscópio de significações, permitindo vislumbrar as alternâncias, cruzamentos e influências simbióticas na percepção dos valores e posturas do cavaleiro andante e de seu inseparável escudeiro.

Observados alguns pontos que caracterizam os protagonistas e demais personagens do romance, percebemos um nítido jogo entre o real e o ficcional, entre o verídico e o ilusório, entre o concreto e o ideal, de tal forma que passamos a enveredar por um complexo mosaico, por um trânsito dialógico e contrastivo de perspectivas sobrepostas, que fazem com que já não saibamos o que é ficção e o que é realidade, visto que os próprios protagonistas se encontram espelhados um no outro, entrelaçados nesta complexa e fronteira rede de significações. A realidade, assim, torna-se plurissignificativa, cambiante, subitamente complexa e rica em possibilidades e sugestões, ou, apropriando-se aqui de algo do pensamento de Muñoz Molina (2005, p.

11), essa mesma realidade deixa de atuar como *o que é* para potencializar-se nas alternativas de *o que pode ser*.

Tal pluralidade de significações, que licencia as mais diversas metamorfoses presentes na narrativa, concebidas por Celedón (2006, p. 76) como ciclos de vida dos personagens, deixa-se transparecer, inclusive, nos inúmeros nomes adotados por alguns destes. Temos assim, para o cavaleiro andante, sete possibilidades: *Alonso Quijano*, *Alonso Quijada*, *Alonso Quesada*, *Alonso Quijana*, *Dom Quijote*, *Caballero de la Triste Figura*, *Caballero de los Leones*. Comungando do pensamento de Celedón (2006, p. 77), acreditamos que houve intencionalidade para uma identificação tão variada de um mesmo personagem, pois, quando propositalmente se muda o nome é porque já é alguém diferente que é referido; em outras palavras, passa a ser outro indivíduo.

Ao longo do romance as marcas identitárias e pessoais dos protagonistas vão sofrendo imbricações e mutações, ao ponto de se poder cogitar que se apresentam tal como num jogo de espelhos, um processo que é fruto de uma mútua e paulatina influência entre os personagens. Ou seja, uma estruturação calidoscópica que dá margem ao surgimento de um número considerável de alternativas, oposições e intersecções entre ideias, valores e convicções na percepção do mundo e da realidade circundante. Cervantes constrói, dessa forma, uma rede significativa, suscetível a diversas interpretações ou, em outras palavras, uma “[...] variedad de valores a los que la obra misma da vida.” (GUILLÉN, 2004, p. 1151).

Não há outra saída, pensamos, do que compreender a caracterização literária dos protagonistas Dom Quixote e Sancho Pança como um processo composicional altamente plurissignificativo, dialógico, metamorfofóico e cambiante. Tal como afirma Vargas Llosa (2004, p. 27), é a Cervantes e não a Sansón Carrasco que deveria corresponder o cognome de *Caballero de los Espejos*, pois concebeu uma obra magna que constitui um “[...] verdadero laberinto de los espejos donde todo, los personajes, la forma artística, la anécdota, los estilos, se desdobra y multiplica en imágenes que expresan en toda su infinita sutileza la diversidad de la vida humana.” (VARGAS LLOSA, 2004, p. 27).

Através de uma profícua confluência e relação entre diferentes ideias e concepções da realidade, fomentadas durante toda a narrativa, os dois protagonistas apresentam-se em constante movimento, fazendo com que eles encontrem-se, muitas vezes, entrelaçados no complexo e multifacetado trânsito de significações identitárias.

Ao sinalizar sobre essa tessitura de imbricações e de mútua influência entre o cavaleiro manchego e seu fiel escudeiro, Madariaga consegue realizar uma exata exposição:

Deshelados de la rigidez simplista que los presenta como dos figuras de antitética simetría, don Quijote y Sancho adquieren a los ojos del observador atento la movilidad vital y humana que heredaron de su humanísimo padre y creador. Circula por todos sus actos la misma jugosa savia cervantina que los hermana. Y así, interpenetrados por un mismo espíritu, se van aproximando gradualmente, mutuamente atrayendo, por virtud de una interinfluencia lenta y segura que es, en su inspiración como en su desarrollo, el mayor encanto y el más hondo acierto del libro. (MADARIAGA, 1972, p. 127).

De uma posição bipartida e diametralmente oposta, Dom Quixote e Sancho Pança passam a imiscuir-se em uma labiríntica rede de transformações, onde tudo se fragmenta em realidades circunstancialmente modificáveis. Tornam-se participantes ativos na construção de um universo “[...] en el que todo es opinable [...], un mundo en el que, como Sancho, puede uno pasearse por todos los cielos, sin haberse movido del jardín de la realidad.” (PASCUAL, 2004, p. 1138).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este breve estudo, incidente sobre alguns matizes da caracterização dos protagonistas da obra *El ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, almejou perscrutar — ainda que de forma incipiente e geral — o desenvolvimento dos processos de quixotização de Sancho Pança, frente à sanchificação do *Cavaleiro da Triste Figura*, processos esses que são fruto de uma mútua e paulatina influência entre os personagens, ou seja, uma estruturação calidoscópica que propicia o surgimento de um número considerável de alternativas e oposições entre os personagens referidos, de tal forma que sua caracterização apresenta-se em constante movimento pela narrativa, fazendo com que eles encontrem-se, muitas vezes, entrelaçados em um complexo e multifacetado trânsito de significações identitárias (cf. TILIO, 2009; HALL, 2000; NORTON, 2000 apud TILIO, 2009; BRADLEY, 1996 apud TILIO, 2009).

Ao longo da narrativa, escudeiro e amo configuram-se e se apresentam de diferentes formas, imiscuídos em uma mútua e processual influência, em uma evolução paralela e gradual, o que faz-nos cogitar um movimento de *quixotização* da parte de Sancho Pança, paralelo a um processo de *sanchificação* da parte de Dom Quixote. Daí concordarmos com Santos, quando afirma que “[...] Sancho aprende a conviver com as

fantasias do amo a ponto de apreendê-las como realidades próprias; em contrapartida, dom Quixote, ao lado de Sancho, deixa o plano da fantasia e retorna ao plano real.” (SANTOS, 2009, p.72).

Numa obra quatro vezes secular, em que conflui o diálogo entre o real e o sonhado, entre a vida e a ficção, surgem as figuras de Dom Quixote e de seu escudeiro, imersos em suas aventuras, através da realidade fantasiosa ou da fantasia realística de seus sonhos, anseios, utopias e decepções. São esses personagens que perduram e eternamente perdurarão vivos e resplandecentes nas paragens imaginativas da literatura, adustível indispensável do ser humano que, antes de qualquer coisa, é um ser sedento por utopias, sonhos e idealizações.

REFERÊNCIAS

- CARPINTERO, H. Ortega, Cervantes y las Meditaciones del Quijote. *Revista de Filosofía*, Madrid, vol. 30, n. 2, p. 07-34, 2005.
- CELEDÓN, E. R. Metamorfosis: ciclos de vida en el Quijote. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 4., 2006. Rio de Janeiro, *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2006. p. 74-78.
- CERVANTES, M. de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del IV Centenario. Madrid: Santillana, 2004 [1605/1615].
- GARCÍA MARTÍN, M. *Cervantes y la comedia española en el siglo XVII*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1980.
- GUILLÉN, C. Cauces de la novela cervantina. In: CERVANTES, M. de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del IV Centenario. Madrid: Santillana, 2004. p. 1145-1153.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HAZAS, A. R.; MARÍN, J. M. *Antología de la literatura española hasta el siglo XIX*. Madrid: SGEL, 1992.
- MADARIAGA, S. *Guía del lector del Quijote*. 7.ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1972 [1926].
- MUÑOZ MOLINA, A. Don Quijote o el arte de convertirse. *Anales cervantinos*, Madrid, vol. 37, p. 11-13, 2005.

ORTEGA Y GASSET, J. *Meditaciones del Quijote*. Madrid: Residencia de Estudiantes, 1914.

PASCUAL, J. A. Los registros lingüísticos del *Quijote*: la distancia irónica de la realidad. In: CERVANTES, M. de. *Don Quijote de la Mancha*. Madrid: Santillana, 2004. p. 1130-1138.

SANTOS, V. A. M. dos. *Quixotização e sanchificação*: abordagens críticas acerca da relação entre dom Quixote e Sancho Pança. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TILIO, R. Reflexões acerca do conceito de identidade. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v.8, n.29, abr./jun. 2009, p.109-119.

CARPINTERO, H. Ortega, Cervantes y las Meditaciones del Quijote. *Revista de Filosofía*, Madrid, vol. 30, n. 2, p. 07-34, 2005.

VARGAS LLOSA, M. Una novela para el siglo XXI. In: CERVANTES, M. de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del IV Centenario. Madrid: Santillana, 2004. p. 13-28